

# A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SEXUALIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO NESSE CONTEXTO

Me. Constance Rezende Bonvicini<sup>1</sup>  
 Fátima Aparecida Lopes Pereira  
 Gabriella Anália Rodrigues dos Santos  
 Sarah Vitória de Santana Moreira

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma visão sobre a evolução do conceito de sexualidade associada ao desenvolvimento infantil, ressaltando que professores que lecionam no ensino fundamental necessitam se atentar para o tema. Para alcançar o objetivo proposto foi utilizada a abordagem qualitativa, descritiva de cunho teórico/bibliográfico. A literatura investigada evidenciou que tal problemática deve ser tratada de maneira natural como algo intrínseco e significativo para o desenvolvimento da criança; compreendendo-se que, ao falar sobre sexualidade os valores culturais, morais e transformações sociais devem ser levados em conta; o que vai muito além de falar sobre sexo e reprodução. Os autores clarificam que em educação primordialmente, a sexualidade envolve a afetividade, prazer, carinho, amor, empatia, gesto, comunicação, contato e atitudes sexuais. Interpretada dessa forma, o ser humano está submetido, de forma natural, a uma Educação Sexual desde que nasce. Evidencia-se que a questão sexual é um tema visto com um olhar repleto de conceitos e preconceitos construídos histórica e socialmente. Em oposição a essa realidade, a Educação Sexual da criança é algo a ser construído por uma parceria, em que estão lado a lado a escola, a família, perfazendo uma conexão entre sociedade e seus ambientes de vivências, o que vai refletir na forma como o jovem/adulto desenvolve de forma assertiva sua percepção sobre sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Educação Sexual; Desenvolvimento infantil.

## THE EVOLUTION OF THE CONCEPT OF SEXUALITY AND THE ROLE OF EDUCATION IN THIS CONTEXT

**Abstract:** This article aims to present a view on the evolution of concept of sexuality associated with child development, highlighting that teachers who teach in elementary school need to pay attention to the topic. To achieve the approach of a theoretical/bibliographic nature was used. The literature investigated showed that this problem must be treated naturally as something intrinsic and significant for the child's development; understanding that, when talking about sexuality, cultural, moral values and social transformations must be considered; which goes far beyond talking about sex and reproduction. The authors clarify that in education, sexuality primarily involves affection, pleasure, love, empathy, gesture, communication, contact and sexual attitudes. Interpreted in this way, human beings are naturally subjected to Sexual Education from birth. It is evident that the sexual issue is a topic seen with a view full of historically and socially constructed concepts and prejudices. In opposition to this reality, the child's Sexual Education is something to be built by a partnership, in which the school and the family are side by side, creating a connection between society and its living environments, which will reflect on the way in which the young people/adult assertively develops their perception of sexuality.

**Keywords:** Sexuality; Sex Education; Child development.

<sup>1</sup> Mestrado em Administração pelo Centro Universitário Unihorizontes. Docente do Cesp e docente e orientadora do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. constance.bonvicini@faculdadepatosdeminas.edu.br.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

## 1 INTRODUÇÃO

A área educacional é uma grande base para a prática social. O ser humano, como indivíduo orientado para dominação e conquista em sociedade, torna-se consciente para absorver a realidade que o rodeia e saciar as curiosidades que interditam sua vida.

Avaliando-se aspectos sobre as demandas advindas das diferentes etapas do desenvolvimento infantil, nota-se que no momento que a criança vence obstáculos por si mesma, cria orgulho e segurança por prosseguir amadurecendo, se tornando um jovem/adulto sadio em todas suas dimensões: afetiva, profissional, pessoal, dentre outras. Os infantes que buscam descobrir novos horizontes e vencer as barreiras em suas vidas estão, ao mesmo tempo, construindo a estrutura de seu eu adulto, capaz de resolver seus problemas e assumir consequências de seus atos. Para tanto é de suma importância realizar estudos ligados às etapas do desenvolvimento, demandas cognitivas, emocionais\afetivas, fisiológicas desde a infância, porque são temas primordiais, sobretudo para desenvoltura e segurança na área da sexualidade.

Para que o professor esteja preparado para lidar com o tema sexualidade não basta simplesmente buscar informações básicas para sua aprendizagem, mas deve-se expandir capacidades de diálogos e experiências em todas as esferas relacionais e epistemológicas, considerando que se aprende a contribuir com a resolução de problemas, refletindo-se e atuando diante de situações de conflitos e confusas.

Falar sobre a sexualidade no desenvolvimento das crianças faz parte do processo educacional, contribui para a formação social, pessoal, e, principalmente, para que crianças no futuro tenham uma vida reprodutiva saudável, responsável e prazerosa/gratificante. É nesse momento que o meio escolar surte como um espaço privilegiado para a abordagem da educação sexual, assunto fundamental no desenvolvimento humano. O conhecimento bem como a vivência da sexualidade, permitem ao indivíduo experienciar com plenitude o mundo, através da sensibilidade para respeitar a si mesmo e aos outros, ter responsabilidade, saber relacionar-se, crer na vida, vivê-la com prazer, reconhecendo seus próprios direitos, inclusive, o direito a ser feliz.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

Dentro da reflexão sobre esse contexto, merecem espaço especial as teorias e o pensamento de Sigmund Freud que proporcionam um olhar específico para a relação pais e filhos, professores e alunos, sobretudo no tocante as suas ideias sobre a teoria do desenvolvimento psicosssexual. Tais reflexões possibilitaram que desde então, a sexualidade das crianças fosse levada em consideração de forma madura e ampla, enquanto desenvolvimento independente de raça, sexo, cor e outras características.

O desenvolvimento da sexualidade preenche um lugar importante no processo de constituição subjetiva, sendo a sexualidade parte de um processo amplo e instigante na constituição do ser social, que está inclusive, em constante formação. O educador tem como alvo testar as capacidades dos educandos em seu conhecimento, contribuindo para que se transformem em pessoas críticas, capacitadas e sempre privilegiando diálogos, o que inclui a questão da Educação Sexual, receptiva às novas perspectivas que engrandecem a sabedoria humana.

Essa realidade evidencia que a Educação Sexual nas escolas é primordial, pois retrata a sexualidade também enquanto direito do cidadão desde o nascimento até a morte, diferenciando-a em cada período da vida. Essa não substitui a educação familiar, e sim complementa experiências positivas na vida da criança, oferecendo oportunidades para se comportarem como pessoas dignas e civilizadas em sociedade.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é apresentar uma visão sobre a evolução do conceito de sexualidade associada ao desenvolvimento infantil, ressaltando que professores que lecionam no ensino fundamental necessitam se atentar para o tema. Inicialmente, apresenta-se o histórico do estudo sobre a sexualidade, seguida da visão da psicanálise sobre o assunto e a relação com a Educação Sexual e fases do desenvolvimento.

Para alcançar o objetivo proposto, foi utilizada a abordagem qualitativa, descritiva de cunho teórico/bibliográfico. Bruyne (1991) retrata que para o delineamento metodológico é necessário a aplicação lógica dos procedimentos científicos em sua gênese. A metodologia auxilia na explicação não só dos resultados

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

da investigação científica, mas também no processo e produção dos resultados<sup>2</sup>, por isso deve ser bem definida.

No trabalho em foco, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em plataformas acadêmicas usando-se os seguintes descritores para a busca das obras: Educação Sexual e sexualidade. Nesse sentido priorizou-se a busca, seleção e análise em materiais já publicados que incluem: livros, artigos científicos e dissertações, servindo assim, para produção de uma reflexão sobre o tema. Gil (1999) complementa que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos. Embora e quase todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho, desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (p. 65).<sup>3</sup>

Assim, a pesquisa bibliográfica requer tempo e dedicação, uma vez que abrange a leitura, análise e interpretação de informações disponíveis sobre o tema, seguida da redação do trabalho.

## 2 HISTÓRIA DA SEXUALIDADE

A história da sexualidade é antiga, em muitos momentos, expressando valores e preceitos sociais. Em diferentes períodos, a sexualidade foi objeto do discurso da normalidade em relação ao sexo e suas experiências, e em outros também da calmaria e vazio.

Os primeiros vertígios de expressão sobre esta temática, no período Paleolítico, exaltavam a fertilidade, como mostra Nunes (1987, p. 52) “A representação simbólica desses cultos manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, representada por um triângulo”.

Na maior parte do matriarcalismo primitivo há um culto à fertilidade feminina. Podemos afirmar que no matriarcado primitivo as divindades são concebidas como elementos primevos femininos e variam em características e formas envolvendo a fertilidade. Como consequência a sexualidade, ao se ver envolvida de significação mítica, é concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher como apanagio feminino.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> BRUYNE, P. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os polos da prática metodológica. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

<sup>3</sup> GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

<sup>4</sup> NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1987.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

No período Neolítico, ainda segundo Nunes (1987, p. 60)<sup>5</sup>, a função do homem passa a ser de pai ou chefe, devido ao domínio dos meios de produção. Com este poder centralizado na figura masculina, ocorre a formação de exércitos para defender as propriedades de terra, recentemente delimitadas e, formam-se o poder real e a religião. A mulher passa então a ser tratada como propriedade do homem, como explica Spitzner (2005)<sup>6</sup>:

Os hebreus destinavam o sexo à procriação dos filhos, que era uma tarefa destinada por Deus. Feliz o homem cuja família era numerosa. Era sábio ter filhos, logo, a relação sexual tornava-se bem vista. O aborto era crime, pois evitando-se que um filho homem fosse trazido ao mundo, estaria sendo negado ao pai, o direito de sobreviver através do filho.<sup>7</sup>

À medida que o processo de capitalização evoluía, a sexualidade e o modo de tratá-la também se modificava e isso fez com que surgissem concepções variadas, fazendo com que tabus e paradigmas se estabelecessem criando assim, não um, mas inúmeros significados deturpados a seu respeito.

Do século XVIII ao XX a valorização do sexo se tornou forte, tornando a prática sexual um problema e a exposição desta um segredo, sendo ponderado definir quando, onde e como poderiam ocorrer discussões sobre ele.

Na sociedade atual, a sexualidade é amplamente discutida. Há uma demanda de esclarecimento sobre o tema em redes sociais, palestras e são manifestadas nos mais diferentes espaços como: no trabalho, na escola, nos meios de comunicação, literatura, nas artes, dentre outros. Através dessa visão que Michel Foucault (1999) a caracteriza ao afirmar:

<sup>5</sup> NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1987.

<sup>6</sup> SPITZNER, R. H. L. **Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola**. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=119658](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=119658) Acesso em: 10 mar. 2024.

<sup>7</sup> SPITZNER, R. H. L. **Sexualidade e adolescência: reflexões acerca da educação sexual na escola**. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=119658](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=119658) Acesso em: 10 mar. 2024.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

Não se deve concebê-la [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em cheque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.<sup>8</sup>

O autor acrescenta que a sexualidade é um fenômeno social, construído através das próprias expressões formadas sobre ela. Desse modo não descreve somente o corpo físico, mas se relaciona com as opiniões, identidades, comportamentos, relações, ideologias e imaginações socialmente compostas e historicamente moldadas, sob a denominação de “o corpo e seus prazeres”.

No final do século XVIII, o sexo como assunto destacado, se constituiu um grande desafio para o Estado, havendo um excesso de cuidado e preocupação com a prostituição e as doenças venéreas, já que a ocorrência destas se relacionava ao acúmulo de boa mão-de-obra para as indústrias pesadas. Momento em que a medicina de higiene familiar, constituída na Europa desde antiguidade, veio com a família real para o Brasil em 1808, com o objetivo de higienizar as cidades e mudar os tipos de convivência sexual, educacional e social de modo a contribuir para a diminuição de doenças, defendendo a família como um aliado do estado.

No século XIX, a sexualidade foi considerada um grande obstáculo para as famílias em termos de educação para os filhos. Essas quando não conseguiam realizar tal educação em suas casas, passava a atribuir tal obrigação para a escola que passaria dessa forma a trabalhar aspectos concernentes a Orientação Sexual.

Na época, o conhecimento existente e a vivência da sexualidade e seus derivados, enquanto obstáculo a ser vencido, sobretudo na infância, apontava para a necessidade de intervenção de diferentes esferas, exigindo de pessoas habilitadas que orientassem as crianças, tendo em vista que seriam essas futuros cidadãos. Momento em que médicos se uniram aos pedagogos para utilizarem-se de técnicas para evitar os chamados hábitos solidários das crianças, considerado um vício perigoso: o onanismo (“masturbação”). Assim, na mesma época, uma vez alcançada

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 100.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

a oportunidade, os adultos não deixavam as crianças participarem de conversas relacionadas a sexo, sob a argumentação de serem induzidas ao desvio.

Retratando sobre um importante instrumento de contenção na época, Costa (2003) fala sobre o internato como espaço disciplinador.<sup>9</sup> Para o mesmo autor o internato historicamente foi tido, nesse contexto, como um “espaço disciplinar” dedicado a limitar impulsos próprio do corpo. No microuniverso desses institutos sociais, o senso da higiene era passado com intuito de antever a sociedade ideal. As crianças, isoladas das influências das malícias externas, prestavam-se docilmente aos preceitos médicos sobre educação física e moral. Os pequenos moradores serviam como cobaias do considerado “laboratório”, obedecendo aos critérios e regras da pedagogia higiênica. O discurso na época era a criação de uma nova sociedade.

Um dos intuitos das crianças ficarem no internato, era para que não tivessem contato com assuntos considerados tabus sociais, sendo que somente poderiam falar sobre o que era permitido. Na época, as crianças ficavam na escola e só iam para suas casas nas férias ao final do ano, e no ano seguinte, voltavam para dar continuidade a nova etapa dos estudos. As atividades eram realizadas de acordo com o sexo e a idade, sendo os meninos separados das meninas. Essa divisão ajudava a controlar questões que envolviam a sexualidade das crianças. Houve separação não somente dos meninos e das meninas, mas também separavam adultos de crianças, católicos de protestantes e ricos dos pobres.

Foucault (1999) enfatiza a questão da separação entre meninas e meninos, que permaneceu durante muito tempo. O lugar em que deveriam estudar para que não ficassem juntos, cada gênero estudaria em local diferente, com um tipo de ensino também diferenciado. Eram poucos alunos que tinham acesso à escola, sobretudo as mulheres cujos índices de alfabetização entre elas era baixo.<sup>10</sup>

Ilustra-se tal momento com a primeira lei imperial do ensino, que em 1827, estabelecia a instrução para os cidadãos segregando o ensino de forma que, as mulheres aprenderiam a escrever, ler, operações matemáticas, bordar, costurar e estarem dispostas para atender os desejos sexuais de seus maridos. Já os homens

<sup>9</sup> COSTA, Jurandir. Freire. Saúde mental, produto da educação? *In: Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 81-102.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 100.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

obtinham a instrução secundária, e entre os deveres sociais estava desfrutar dos prazeres que as mulheres os ofereciam.

A esse respeito, Louro (1989) complementa que existia mentalidade e necessidade da separação das meninas dos meninos, sobretudo pelo medo do contato das diferenças em termos sexuais.

O medo do contato entre os sexos os obcecava, embora afirmassem que, na verdade, crianças não têm interesses sexuais. É possível haver maior contradição? Os meninos eram separados das meninas, os rapazes das moças, os homens das mulheres, até na própria igreja. E, inclusive, entre pessoas do mesmo sexo eram necessárias prescrições de todo tipo para que a sexualidade fosse negada o máximo possível.<sup>11</sup>

No século XX consideravam-se as determinações médicas higienistas, que tentavam amenizar a masturbação precoce, as doenças sexualmente transmissíveis e orientavam as mulheres para o compromisso de ser esposa e o de ser mãe. No Brasil, uma das principais preocupações de pedagogos e médicos era a prática do onanismo, considerado como doença. Seus sintomas eram: magreza, calafrios, “sistema nervoso muito aguçado”. Todos que estavam ligados à educação da criança deveriam estar atentos e para intervir e evitar tal mal.<sup>12</sup>

Louro (1989) rememora que na década de 1920, houve um congresso que protegia a Educação Sexual na escola para criança que tivesse mais de dez anos, tendo em vista que a escola era um local perfeito para falar sobre o assunto que envolvesse sexualidade. Ao se implantar a Educação Sexual na escola, têm-se mais uma preocupação, uma vez que o assunto poderia não estar sendo tratado como deveria. Em virtude dessa problemática, da década de 1940 a década de 1960, a abordagem sobre o sexo ficava proibida. Houve grandes mudanças políticas na década de 1960, deixando marcas na Educação Sexual nas escolas, fazendo com

<sup>11</sup> LOURO, G. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, jul./dez. 1989.

<sup>12</sup> SILVA, Oscarina Maria da. Origens da educação (Sexual) brasileira e sua trajetória. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO da UFPI, 2., 2002, Teresina. **Anais [...]** Teresina: EDUFPI, 2002. Disponível em: [http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.13/GT13\\_4\\_2002.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.13/GT13_4_2002.pdf). Acesso em: 10 nov. 2023.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>



que todos os projetos fossem impedidos e nada se resolvesse no sentido de se abordar o assunto.<sup>13</sup>

Ainda sobre uma perspectiva histórica, vislumbra-se que em 1995, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) deram grande suporte aos professores ao inserir o tema sexualidade na educação de maneira transversal, independente da disciplina. Com esse objetivo, a escola continuou oferecendo suporte a saúde da criança e da família, sendo a sexualidade apresentada como completamente ligada à sociedade e cultura. Falar sobre ela no âmbito escolar proporciona subsídios para manifestações humanas em sociedade como: o sexo, o medo, o amor, o desejo e outros. E para ampliar o conceito chamou-se também para uma reflexão sobre a sexualidade, enfatizando-a como influenciadora de mudanças incríveis nos seres humanos. Por isso, a importância da Educação Sexual no contexto escolar.

Segundo os PCN:

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho.<sup>14</sup>

De forma evolutiva, a Educação Sexual atingiu um nível de discussão que abarca hoje assuntos polêmicos como os que envolvem gênero, opção sexual, frigidez, preconceito e grupos LGBTQIA+. Jardim e J Brêtas (2006) apontam por meio de pesquisa da área com professores a importância do conhecimento das diversas dimensões e esferas, já que notam os autores que há uma dificuldade dos próprios docentes ao levarem para seus alunos a temática. Como fator essencial ao desenvolvimento seguro da sexualidade na adolescência, considera-se a temática da Orientação Sexual oferecida pela escola, cenário apropriado a este trabalho, sendo o

<sup>13</sup> LOURO, G. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, jul./dez. 1989.

<sup>14</sup> BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual**. v. 10. 3. ed. Brasília, DF, 2001. p. 121. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em: 10 mar. 2024

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

professor peça-chave para sua execução. As práticas relatadas pelos profissionais, no campo Orientação Sexual, dimensionam níveis de dificuldade deles ao lidar com a sexualidade dos seus alunos.<sup>15</sup>

Diante do histórico discutido até o momento, na próxima seção o enfoque será a sexualidade e o contexto escolar.

### 3 A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Para que o trabalho envolvendo sexualidade na escola seja desenvolvido com leveza pelos professores é importante delimitar os conceitos que a discussão exige. De acordo com Figueiró (2009),

Inicialmente, é preciso que tenhamos clareza sobre o significado do sexo e da sexualidade. O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, necessidade essa que todo ser humano, seja normal ou com necessidades educacionais especiais, traz consigo desde que nasce. Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.<sup>16</sup>

O ser humano, de certa forma, confunde sexo com sexualidade. É necessário diferenciar que um não necessita vir unido ao outro, mas quando a sexualidade se declara atração física e é compartilhada com outra pessoa por meio do sexo, encontra-se o desejo obtido. A sexualidade é um veículo que todo indivíduo obtém, e não precisa de ligação com o sexo, uma vez que se determina pela procura de prazer, sendo este não somente os claramente sexuais.

Existe um dilema muito grande em relação ao sexo, a permissão moral, pensando na reprodução, condenar ou desfrutar do prazer, do sexo? A paixão existe, pode existir sim, mas infelizmente o medo é mais intenso, mais forte.

<sup>15</sup> JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000200007> p. 5. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007). Acesso em: 27 abr. 2024.

<sup>16</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009. p. 143. Disponível em: [https://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao\\_Sexual\\_Multiplos\\_Temas.pdf](https://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf) Acesso em: 28 mar. 2024.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

E esse medo vem através dos adultos, da família, dos responsáveis, dos pais e na maioria das vezes é por falta de informação, de orientação.<sup>17</sup>

A sexualidade deve ser retratada de forma natural e ampla, e mesmo apresentada dessa forma academicamente, em várias instituições como escolas, Órgãos não governamentais (Ongs) e grupos sociais formados por valores e características tradicionalistas o assunto é velado como um tabu. No ambiente educacional deve ser tratada de maneira aberta e com propriedade científica, através de diferentes visões, criando assim um ambiente favorável à aprendizagem.

A Orientação Sexual na educação, apesar de polêmica, tanto na escola pública quanto na privada, deve fazer parte dos conteúdos curriculares, seguindo as diretrizes da legislação que regem a educação e a saúde. Dessa forma, o professor deverá manter sua postura profissional, pois o indicativo da importância e a identidade do trabalho oferecem segurança, oportunidade e esclarecimento de curiosidades dos seus alunos.

Segundo Egypto (2009),

[...] “Orientação Sexual na Escola” visa à discussão sobre a sexualidade, os preconceitos, os tabus, as emoções e as questões sócio-político-culturais que permeiam o tema, proporcionando aos educandos das escolas a oportunidade de refletir sobre os seus próprios valores e os dos outros, bem como uma vivência da sexualidade com maiores possibilidades de segurança, de prazer, de amor e do exercício de liberdade com responsabilidade.<sup>18</sup>

A sexualidade vista como uma grandeza humana, está ligada ao mundo e à cultura, desde os vínculos da família até a sociedade. Os educadores devem estar abertos a encontrarem meios infinitos e desafiadores para essa grandiosa pesquisa científica, ou seja, o educador não ensina a sexualidade, ele prepara o aluno para desenvolver-se no meio e no âmbito pessoal. A sexualidade é um gesto de expressão, vinculada à sensibilidade e constituição do erotismo.

<sup>17</sup> ALVES, Fátima. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007. p. 65.

<sup>18</sup> EGYPTO, Antonio Carlos. Orientação Sexual nas Escolas Públicas de São Paulo. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2009. p. 341-353. Disponível em: [http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/homofobia\\_na\\_escola.pdf](http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/homofobia_na_escola.pdf) Acesso em: 27 abr. 2024. p. 343.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

Ainda de acordo com Egypto (2009)

À escola cabe definir objetivos, métodos e técnicas de ação, além de avaliar e revisar continuamente todo o processo pedagógico. O caráter intencional, planejado e sistematizado da *orientação sexual na escola* pretende ser uma intervenção pedagógica no processo informal da educação sexual que todos recebemos, favorecendo a reflexão sobre a sexualidade, problematizando os temas polêmicos, favorecendo ampla liberdade de expressão em ambiente acolhedor que visa a promover bem-estar sexual e vínculos mais significativos, ampliando a cidadania.<sup>19</sup>

Uma perspectiva diferenciada e revolucionária para época foi a de Sigmund Freud. O pai da psicanálise, considerava que a existência da sexualidade desde o nascimento perpassava por várias fases, assim contribuindo com a caracterização da sexualidade adulta até a morte. O mesmo teórico enfatizou a importância de se obter entendimento e aprovação da própria sexualidade. Nesse raciocínio, ao educador cabe ser bem resolvido quanto a sua sexualidade e a partir de então esclarecer dúvidas dos alunos e apontar para leitura de seus próprios desejos e sensações, auxiliando no amadurecimento dos mesmos. Tal forma de acolhimento, produz sensação de consolo e impede conflito interno procedente de dúvida e medo, produzindo uma vivência positiva e saudável. Também seguindo o pensamento de Sigmund Freud, Fenichel (2005) relata que:

Na sexualidade infantil, a excitação e a satisfação não estão nitidamente diferenciadas, se bem que já existam fenômenos orgasmoides, ou seja, sensações prazerosas que produzem o relaxamento e o término da excitação sexual. No devido tempo, contudo, os genitais começam a funcionar como aparelho especial de descarga, o qual concentra em si toda excitação e a descarga seja qual for a zona erógena em que se originou.<sup>20</sup>

Para compreensão de aspectos da sexualidade no desenvolvimento humano, o papel do educador/professor é propiciar a articulação entre a família e o indivíduo, respeitando seu desenvolvimento em pleno direito de usufruir de sua sexualidade.

<sup>19</sup> EGYPTO, Antonio Carlos. *Orientação Sexual nas Escolas Públicas de São Paulo*. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2009. p. 341-353. Disponível em: [http://www.ded.ufla.br/generoese sexualidade-ei/imagens/homofobia\\_na\\_escola.pdf](http://www.ded.ufla.br/generoese sexualidade-ei/imagens/homofobia_na_escola.pdf). Acesso em: 27 abr. 2014. p. 342.

<sup>20</sup> FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**: fundamentos e bases da Doutrina Psicanalítica. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 55.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

Dando sequência a discussão do tema, revela-se na próxima seção que teóricos e estudos científicos avançam nas temáticas relacionadas ao desenvolvimento infantil e a sexualidade.

#### 4 DESENVOLVIMENTO E SEXUALIDADE INFANTIL

A infância, vivenciada de forma singular por cada criança, se desenvolve em suas várias dimensões, tornando necessário o desenvolvimento de pesquisas, logo descobertas advindas de estudos práticos e teóricos diversos, incluindo estudos envolvendo sexualidade e a cultura na qual ela se expressa.

Os questionamentos e sentimentos dentro de uma comunidade são diversos e podem dizer de intensidades e prismas diversos. Em conformidade com Cunha (2008),

Unindo os resultados das observações clínicas psicanalíticas às conclusões da antropologia de sua época, Freud elaborou uma narrativa “histórica” sobre fatos de um tempo distante. A expressão histórica deve ser lida com cuidado, uma vez que Freud construiu, segundo suas próprias palavras em Totem e tabu, “um vislumbre de uma hipótese que pode parecer fantástica”, mas que vinha ao encontro de seus objetivos.<sup>21</sup>

Entre as teorias retratadas por Freud, inspirada no “Édipo da mitologia” está a do Complexo de Édipo que busca fundamentar padrões, regras sociais de convivência e acordos de cunho sexuais. Ele notou um padrão antropológico, em que o líder do grupo era um pai agressivo e ciumento que se apoderava das mulheres com exclusividade e eliminava os membros masculinos do grupo, depois que eles cresciam. Em alguns grupos, os filhos eliminados voltavam e sacrificavam o pai. Esse ato levava os jovens a um sentimento de culpa, de ódio ao pai e ao mesmo tempo amavam-no e faziam que entre si lutassem pelas mulheres. Posto em perigo o agrupamento, os assassinos ordenaram dois acordos essenciais: a interdição do assassinato e a obstrução de relacionamentos sexuais com mulheres da mesma família.

Segundo Cunha (2008),

<sup>21</sup> CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 32.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com

O que Freud concluiu, portanto, é que a atração sexual do menino por sua mãe e o ódio por seu pai são sentimentos que estiveram presentes na origem de nossa civilização. E que a proibição ao incesto – bem como ao homicídio – foi o que permitiu o desenvolvimento dessa mesma civilização.<sup>22</sup>

Freud concluiu que mesmo inconsciente, a afeição que o menino sente pela mãe é o mesmo sentimento de raiva ao seu pai, sentimento vivido precedentemente da cultura e muitas vezes velado pelo inconsciente. Além da perspectiva da socialização primária, a infância possui características particulares, individuais em cada uma de suas fases, descritas e detalhadas em teorias freudianas desenvolvimentistas.

Ainda segundo o mesmo autor, nos primeiros meses de vida, o principal papel da mãe é passar segurança e afeto através da relação que estabelece com o bebê. Cada criança quando nasce, traz com ela suas próprias características, conhecidas como temperamento, o que estruturará e irá prever até certo ponto, como será o seu relacionamento com as pessoas do meio em que vive, que irá pré-dispor suas vivências quanto aos afetos, prazer e sexualidade. A mãe e os cuidados oferecidos ao filho são necessários, proporcionam a formação do “eu”, a criança desenvolve ações que estão ligadas a ela própria e que as impossibilita de se distinguir do mundo externo. Ou seja, nessa fase a criança está impossibilitada de distinguir-se do mundo externo.<sup>23</sup>

A criança mesmo pequena percebe sua sexualidade e por isso procura conhecer seu corpo de forma tranquila e sem constrangimento. O papel dos pais e dos professores é reconhecer as demandas de cada etapa do desenvolvimento infantil do ponto de vista da sexualidade e respeitar de maneira ética cada uma delas, respondendo aos questionamentos que possam surgir com naturalidade, atenção e cautela, a fim de não deixar marcas e conflitos estruturais. Em termos individuais, o desenvolvimento da criança é constituído por quatro fases: oral, anal, fálica e a genital.

A Fase Oral normalmente ocorre de zero a um ano, e o local no corpo em que se manifesta o maior prazer da criança é na boca. Afirma Freud que essa é a parte

<sup>22</sup> CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 32.

<sup>23</sup> CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 32.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoocultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoocultura</a>	periodicoscesg@gmail.com

corporal que estimula a energia motivacional, que se interliga a libido. Essa fase começa, portanto, a partir do momento em que a sexualidade se manifesta na propriocepção bucal, constituindo-se assim alguns traços da personalidade, principalmente a imagem que o ser humano guarda de si. Com os cuidados que a mãe lhe dispensa e o seu próprio eu, ainda em formação, a criança atribui a si mesma as ações que são a ela dirigidas. Assim, dependendo das vivências da criança, por intermédio da boca, com os que cuidam dela, desenvolve-se a autoimagem do indivíduo, que poderá ser mais ou menos negativa ou positiva; tudo depende dessa relação estabelecida com a mãe.<sup>24</sup>

Inicia-se entre um e três anos de idade, a Fase Anal, que segundo Freud corresponde ao estágio em que o foco da libido está no controle dos esfíncteres da bexiga e evacuações; sendo o desafio desta fase o treino do uso do penico e/ou vaso sanitário. Na aprendizagem ligada ao uso do banheiro, as crianças precisam ser incentivadas a controlarem suas necessidades, desenvolvendo assim o sentimento de independência. Os pais devem incentivar os infantes e utilizar elogios para recompensá-los.

Inicia-se no terceiro ano e estende-se até os 6 anos a chamada fase fálica. Nela, o foco da libido é sobre os órgãos genitais. Nesta idade, as crianças começam a descobrir as diferenças entre machos/meninos e as fêmeas/meninas. Freud acreditava que os meninos viam seus pais (figuras de autoridade) como rivais, já que satisfaziam a demanda da libido, até então, pelo alimento e cuidados afetivos advindos da mãe (figura de afeto). Momento em que ocorre a situação edípiana, conceito que sobrevém de uma análise de acontecimentos, no caso, há o sentimento de ódio, medo e culpa instaurado pelo pai.

A superação da situação edípiana vem, segundo Freud, com a intensificação do amor, o que se dá na forma de identificação, exacerbação de amor que mesmo alguns adultos sentem: querer ser como ele implica deixar de ser eu mesmo. Ao identificar-se com o pai, o menino coloca em ação um mecanismo psicológico que visa ocultar o ódio que sente. Livra-se, assim, ao mesmo tempo, de sua angústia de castração e da insuportável ambiguidade de

<sup>24</sup> BONVICINI, Constance Rezende; BRAGA, Franciely Renata Damasceno. Relação Mãe e Filho na perspectiva Psicanalítica. **Psicologia e Saúde em Debate**, Patos de Minas, v. 2, supl. 1, p. 18-20, nov. 2016. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2S1A6>. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/57> Acesso em: 20 abr. 2024.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

sentimentos – amor e ódio – relacionados ao pai. Com a menina passa-se algo semelhante. Ela se identifica com a mãe, afastando desse modo o ódio.<sup>25</sup>

O desfecho é conferir de que maneira a crise edipiana é concluída e como o desenvolvimento psicosexual atuará. Quando o menino passa a se identificar com o pai, oculta o sentimento do ódio, livrando-se da angústia relacionada ao pai. A menina constrói algo semelhante, pois se identifica com a mãe e afasta o ódio, quando supera esse complexo, finaliza a fase fálica.

No início da puberdade, ocorre a Fase de latência. A libido se fortalece no corpo da criança, principalmente nas áreas genitais. Inicia-se a Fase Genital, mais conhecida como crise da adolescência. Sentem prazer com os agitos orais e anais, uma satisfação canalizada para o despertar do namoro e relações afetivas.

Satisfação e sentimentos vividos na fase fálica e outras fases anteriores introduzem grande problema com obstáculos do superego muito forte. Através destas impossibilidades, podem aparecer sintomas neuróticos, algo comum nessa faixa-etária. O ódio às autoridades, ou seja, à convivência do adolescente com a escola, ou o professor que tenha algo parecido com o pai passa a ter exibições transferenciais negativas.

O fim da fase, segue com o desenvolvimento da capacidade de estabelecer vínculo afetivo, ligação amorosa e se adaptar às conversões sociais. Ou seja, o ego controla as satisfações inconscientes e se adapta as impertinências da realidade.

Para Freud, em sua teoria do Aparato psíquico existem três estruturas: o ID (inconsciente composto por instintos e paixões), superego (barreiras morais) e o ego, composto por proporções próprias de ID e superego em cada indivíduo. Enfatiza que a constante luta entre o ID e superego geram conclusões constituindo o ego. As pulsões constituem o ID, incluindo-se as forças e motivações próprias de natureza sexual presentes desde a infância.

Quando Freud formulou sua teoria, ao final do século XIX e início XX, essa preparação teve oposição e repulso. O obstáculo da sexualidade era visto na adolescência, bebês e crianças não teriam esse sentimento. Freud não foi bem acolhido nesse tempo, pois mostrou uma concepção de infância, principalmente em

<sup>25</sup> CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 26.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>



alguns meios intelectuais. Ele queria transmitir que no período que o bebê amamentava, ele acionava um desejo que gera a chamada libido.

A libido, portanto, é uma pulsão de natureza sexual, componente do inconsciente, presente no aparato psíquico do ser humano desde o nascimento, e é ela que impulsiona a pessoa em busca de prazer. Prazer que se manifesta enquanto motivação maior de todos nós, ditada pelo chamado “princípio do prazer”. Mas esse princípio é interdito pela introjeção da moral e valores socialmente estabelecidos, norteado por outro referencial, o “princípio da realidade”, originário das ordenações também culturais.<sup>26</sup>

A libido é uma espécie de motivação que se localiza no corpo, para alcançar o prazer, bem-estar e satisfação.

Cabe, aqui, uma explicação do termo sexual, entendido por Freud com um sentido mais amplo do que o usual. A função biológica da sexualidade é a procriação e a preservação da espécie, mas a motivação para os comportamentos que preservam a espécie é o prazer do ato. Estão incluídos nestes atos: a relação sexual na idade adulta, o próprio ato de alimentar-se, de sugar na infância e muitos outros como os que representam o amor dos pais pelos filhos.<sup>27</sup>

A seguir, fala-se do papel da educação, enquanto importante fator estruturante do ego frente ao desenvolvimento do indivíduo.

## 5 SEXUALIDADE E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Segundo Freud, obrigatoriamente, a educação auxilia o ego a se estruturar, transformando a motivação da libido em sentimentos que serão convertidos em fruto da harmonia social, permitindo que o indivíduo se ajuste aos ditames e regras vigentes, próprias da evolução e convivência social.

Na visão de Cunha (2008), Freud enfatiza que não existe a mínima possibilidade de existir um bem comum, a coletividade, sem que cada indivíduo

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14199.pdf> Acesso em: 20 mar. 2024.

<sup>27</sup> BRAGHIROLI, Elaine Maria *et al.* **Psicologia Geral**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.182.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

desenvolva sentimento de solidariedade, fraternidade e cooperação.<sup>28</sup> Para o autor, esses sentimentos devem ser aprendidos, obtidos com o resultado de aprendizagem, precisam ser ensinados, pela família e pela escola. Ou seja, na concepção do autor, ser solidário, fraterno e ter cooperação são sentimentos aprendidos e necessitam da investitura da libido, ensinados pelos pais e pela escola.

Desenvolver sentimentos assim edificadores da sociabilidade, não é tarefa fácil; o bebê não nasce com pulsões socializadas, delimitadas pelo “outro”, pelo contrário, é o centro do mundo, seu emocional responde a demandas egoístas e o seu maior objetivo é a busca do prazer. Os bons educadores vislumbram, sob a inspiração de ideias psicanalíticas, posicionar-se principalmente com uma postura menos repressivas para estabelecerem uma ligação com crianças e jovens.

O que se vê atualmente é uma tentativa de renovação do que diz respeito ao ensino de sexo e sexualidade nas escolas, visando não só um melhor ensino como também uma aprendizagem que possibilite o aluno a vivenciar na prática o que é trabalhado em sala de aula. As aulas antes retratando temas preconcebidos como importantes, hoje devem estar abertas ao diálogo, vislumbrando debates com a liberdade de expressão. O conteúdo programático deve de deslocar de temas fixados, taxados como fundamentais, como por exemplo, o uso de preservativos para um sexo seguro, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada.

Louro *et al.* (1989) sugerem uma nova forma de abordagem da questão de sexualidade em sala de aula, priorizando uma aprendizagem voltada a reflexões críticas de cada aluno, na qual ele enxergue a sexualidade como parte da conduta “a cultura da escola não faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fato seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas”.<sup>29</sup>

O autora frisa que por mais que certas concepções sobre sexualidade tenham evoluído, a maneira de repassá-las aos alunos continua conservadora. Os educadores raramente utilizam métodos que instiguem os estudantes uma reflexão crítica e um entendimento lógico da formação de limites socialmente necessários ao aparelho psíquico da criança, em termos psicanalíticos. Mas não deixando de citar os

<sup>28</sup> CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 33.

<sup>29</sup> LOURO, G. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, jul./dez. 1989.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com

benefícios encontrados na abordagem responsável da Educação Sexual, que podem ser encontrados na forma de prevenção a casos de gravidez precoce e abortos na adolescência, a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis, assim como a detecção de casos de abuso infantil que, na maioria das vezes, acontecem no ambiente familiar.<sup>30</sup>

Diante do exposto fica evidente que sexualidade é um termo extenso, que envolve várias vivências e percepções, longe de um conceito único e integral. A sexualidade expede-se a um meio onde tudo é casual, pessoal e paradoxo. É um objeto íntimo das pessoas e é manifesta de maneira diferente no ser humano de acordo com seu contexto.

Entende-se por sexualidade a busca de amor, afinidade, prazer, atração física, desejos descobertos pelo toque corporal quanto tocar e ser tocado, ligados por conhecimentos culturais e genéticos que influem imediatamente na sexualidade de cada pessoa, em seus pensamentos, na saúde física e mental. Nesse sentido a presente discussão aponta que é um termo em construção e ainda há várias áreas para descobrir através da educação sexual.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se com a leitura do presente artigo, que a utilização do termo sexualidade é bastante polêmica. Nos diversos contextos, no decorrer de mudanças históricas, perpassando por diversas fases e ênfases, as discussões e paradigmas sofreram influências culturais específicas. Com o passar desse tempo, o papel do educador se tornou mediar a construção do conhecimento de seus alunos, e o ensino sobre a sexualidade também teve que acompanhar tendências. Hoje, o tema deve estar aberto ao diálogo, orientações e de forma a serem sanadas dúvidas através de métodos criativos, sobretudo para que as curiosidades dos educandos sejam desvendadas de forma saudável.

<sup>30</sup> MIRANDA, Jean Carlos; CAMPOS, Isabela do Couto. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 12, n. 34, p. 108-126, 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7151234>. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732>. Acesso em: 10 jun. 2024.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

No decorrer da história da Educação Sexual, grandes autores como Michael Foucault, Sigmund Freud, Jurandir Freire Costa, Guacira Lopes Louro, dentre outros, expressaram de maneira diferente seus pensamentos, mas alinham-se para o mesmo foco rumo a valorização da sociedade e a cultura na concepção do conceito da sexualidade.

Atualmente, a ênfase para os educadores ao inserirem a Educação Sexual de modo transversal no currículo escolar, visa dar suporte à criança, proporcionando uma reflexão sobre o tema, os professores transmitem a Educação Sexual de maneira clara, simples e objetiva sanando dúvidas das mais variadas formas, vivenciadas no cotidiano por seus alunos.

Como base para a continuidade de pesquisas sobre a temática, aponta-se para a importância do autoconhecimento e o ensino respeitando a maturidade, logo o nível de conhecimento para cada etapa do desenvolvimento humano. Responsabilizar pais e educadores pelo processo e progresso da Educação Sexual é também se comprometer como um conjunto no papel de inserir limites sociais necessários a convivência em comunidade.

Vale ressaltar também que a sexualidade manifesta-se no ser humano de modo diferente, variando a maneira como cada indivíduo vive. É ligada diretamente à procura do prazer, sendo estes não específicos ligados ao sexo. Quando se trata de Educação Sexual, considera-se a sexualidade um termo importante para vida, enquanto direito, saúde mental e motivação como um todo. Diante desta temática, o educador, deve ir muito além das aulas referentes ao aparelho reprodutivo, atendendo às necessidades dos alunos, ou seja, vislumbrando a ansiedade e diversas curiosidades próprias quando envolve o assunto. A mídia está atualmente “hipnotizando” os alunos e ditando tendências perpetuadas por blogueiras e redes sociais, ou seja, a temática envolvendo sexualidade carece de suporte científico, educação socioemocional nas diversas esferas antropológicas e cívica.

Enfatiza-se a importância de se obter o entendimento e aprovação da própria sexualidade. Nesse raciocínio, ao educador cabe ser bem resolvido quanto a sua sexualidade e a partir de então esclarecer dúvidas dos alunos e a apontar para leitura de seus próprios desejos e sensações, auxiliando no amadurecimento deles.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Fátima. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.
- BONVICINI, Constance Rezende; BRAGA, Franciely Renata Damasceno. Relação Mãe e Filho na perspectiva Psicanalítica. **Psicologia e Saúde em Debate**, Patos de Minas, v. 2, supl. 1, p. 18-20, nov. 2016. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2S1A6>. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/57> Acesso em: 10 nov. 2023.
- BRAGHIROLI, Elaine Maria *et al.* **Psicologia Geral**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural: orientação sexual. v. 10. 3. ed. Brasília, DF: MEC/SEF, 2001. p. 121. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em: 10 nov. 2023.
- BRUYNE, P. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os polos da prática metodológica. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- COSTA, Jurandir. Freire. Saúde mental, produto da educação? *In*: **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 81-102.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. **Psicologia da Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- EGYPTO, Antonio Carlos. Orientação Sexual nas Escolas Públicas de São Paulo. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2009. p. 341-353. Disponível em: [http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/homofobia\\_na\\_escola.pdf](http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/homofobia_na_escola.pdf) Acesso em: 10 nov. 2023.
- FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**: fundamentos e bases da Doutrina Psicanalítica. São Paulo. Atheneu, 2005.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação Sexual**: Múltiplos múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. p. 143. Disponível em: [https://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao\\_Sexual\\_Multiplos\\_Temas.pdf](https://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf). Acesso em: 10 nov. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14199.pdf> Acesso em: 10 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar. 2006. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000200007> p. 5. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672006000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007). Acesso em: 10 nov. 2023.

LOURO, G. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, jul./dez. 1989.

MIRANDA, Jean Carlos; CAMPOS, Isabela do Couto. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 12, n. 34, p. 108-126, 2022. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7151234>. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, Oscarina Maria da. Origens da educação (Sexual) brasileira e sua trajetória. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO da UFPI, 2., 2002, Teresina. **Anais [...]** Teresina: EDUFPI, 2002. Disponível em: [http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.13/GT13\\_4\\_2002.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.13/GT13_4_2002.pdf). Acesso em: 10 nov. 2023.

SPITZNER, R. H. L. **Sexualidade e adolescência**: reflexões acerca da educação sexual na escola. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=19658](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=19658) Acesso em: 10 nov. 2023.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	Vol. 14 - Número 1 2023
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a>